
• CONTRIBUIÇÕES DA SINTAXE FUNCIONAL II

Coordenador(a): *Sandra Denise Gasparini Bastos*

Este simpósio reúne trabalhos desenvolvidos com base em uma perspectiva funcionalista da linguagem, que leva em conta a língua em situações reais de comunicação. São adotados, prioritariamente, os preceitos da Gramática Funcional de linha holandesa, incluindo sua mais nova vertente, a Gramática Funcional do Discurso. Os trabalhos apresentados, que têm como corpus, principalmente, o português do Brasil, procuram dar contribuições para o entendimento de elementos tratados na teoria como argumentos, satélites e constituintes extrafraseais. Em alguns desses trabalhos, são usados os postulados teóricos da Gramaticalização e da Discursivização, para explicar os diferentes papéis exercidos pelos mesmos elementos na língua.

A MULTIFUNCIONALIDADE DO CONECTIVO “E”

Eduardo Penhavel de Souza (UNICAMP)

Dados do português falado evidenciam que o conectivo “e” desempenha uma grande variedade de funções na organização do discurso e opera em diferentes domínios, componentes, níveis e camadas de representação lingüística. Em trabalho anterior (Penhavel, 2005), considero as seguintes funções do conectivo: “coordenação de termos”, “coordenação de orações”, “expansão textual”, “distinção de unidades discursivas”, “introdução de tópico”, “manutenção/assalto de turno” e “focalização”. Essa multifuncionalidade é sistematizada com base na distribuição dos usos do conectivo, no nível sentencial, entre as camadas dos termos e predicados, da predicação, da proposição e da oração (DIK, 1989), quando “e” opera como um “coordenador”, e, no nível da organização discursiva mais ampla, entre os componentes ideacional e interpessoal do sistema lingüístico (HALLIDAY, 1978), quando “e” atua como um “marcador discursivo”. O presente trabalho traz uma reflexão sobre uma questão fundamental a esse respeito: o que gera a multifuncionalidade do conectivo “e”? Ou seja, do que decorre a multiplicidade de funções exercidas pelo conectivo e, em especial, a persistência, em todas elas, de um mesmo traço semântico fundamentalmente aditivo? A análise de como o significado aditivo de “e” se manifesta em cada uma de suas funções - isto é, que nuance esse traço comum adquire conforme a função do conectivo - parece revelar três valores semântico-discursivos particulares progressivamente

mais discursivizados: adição propriamente, continuação e ênfase. Assim, o presente trabalho, além de refletir sobre o conceito de “multifuncionalidade”, discute a possibilidade de conceber o funcionamento de “e” no português falado, entre outras coisas, como sendo o resultado de um processo de “discursivização”, o que envolve a investigação da própria conceituação desse processo, ainda pouco definido na pesquisa lingüística. (FAPESP - Proc. 02/10807-4).

A RELAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS DE POLARIDADE POSITIVA E NEGATIVA E A FUNÇÃO PRAGMÁTICA DE FOCO

Sandra Denise Gasparini Bastos (UNESP)

Consideramos os elementos de polaridade positiva e os elementos de polaridade negativa (representados, principalmente, pelas formas “sim” e “não”) como constituintes extrafrasais responsáveis pela realização do discurso (DIK, 1989, 1997). Obedecendo a essa classificação, a função principal desses elementos é atuar como resposta, sendo típicos de posição inicial e de começo de turno. No entanto, o deslocamento dessas formas para posições intermediárias permite que se observe uma função de reforço da informação somada à função inicial de resposta. Tal fato nos leva a pensar na atuação desses elementos como estratégias de focalização. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar a relação entre as construções de polaridade positiva e negativa, em dados do espanhol e do português, e a função pragmática de foco, definida por Dik (1989, 1997) como a informação relativamente mais importante ou saliente num dado contexto comunicativo. O corpus adotado para a análise está formado por 40 entrevistas jornalísticas impressas, selecionadas aleatoriamente entre os anos de 2000 e 2001, sendo 20 entrevistas extraídas da Revista “El País” (para os dados do espanhol) e 20 entrevistas extraídas da Revista “Veja” (para os dados do português).

FUNÇÕES DISCURSIVAS DA COMPLEMENTAÇÃO ORACIONAL FINITA

Gisele Cássia de Sousa (UNESP)

Para além de aspectos exclusivamente sintáticos ou puramente semânticos, fatores de ordem comunicativa têm se mostrado relevantes ao estudo da complementação oracional finita. Em termos gerais, verificam-se diferentes estratégias comunicativas associadas à expressão de tipos distintos de ambientes de complementação, definidos, essencialmente, a partir dos significados do predicado matriz e do complementizador. Com base em ocorrências de complementos introduzidos pelas conjunções “que” e “se” em diferentes fases do português escrito, objetiva-se destacar algumas dessas funções, resultantes de opção não-arbitrária por um determinado tipo de complementação. Discutem-se, por fim, as possíveis implicações das funções discursivas dos complementos finitos para a mudança diacrônica da combinação de orações.

O TRATAMENTO DAS NOMINALIZAÇÕES NO QUADRO DA GRAMÁTICA FUNCIONAL

Liliane Santana (UNESP)

As nominalizações, como predicação encaixada, constituem um tipo secundário de termo, usado para referir a entidades de ordem superior, e seus constituintes típicos são operadores, predicados, argumentos e satélites. Ao contrário de satélites, que consistem em informação adicional, argumentos são termos obrigatórios, requeridos pela semântica do predicado. Sendo obrigatórios, os argumentos da nominalização deveriam vir expressos. Entretanto, não é o que ocorre: dificilmente a estrutura argumental da nominalização é preenchida em sua totalidade. Esse comportamento das nominalizações motiva duas diferentes posições teóricas no interior dos quadros da Gramática Funcional: Dik (1985, 1997) caracteriza os termos das nominalizações

como constituintes argumentais, enquanto Mackenzie (1985, 1996) prefere tratá-los como satélites. Com base no baixo preenchimento argumental das nominalizações, este trabalho busca explicações para essa natureza controversa da estrutura argumental dessas construções mediante a análise da relação entre propriedades sintático-semânticas decorrentes da estrutura valencial das nominalizações e a natureza informacional de seus constituintes argumentais. O universo de investigação consiste num corpus constituído por inquéritos de Elocução Formal (EF), Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e Diálogo entre Dois Informantes (D2) do Projeto NURC-SP (Castilho & Preti, 1986), e o processamento quantitativo dos dados é feito eletronicamente mediante o uso do pacote estatístico VARBRUL. Os resultados obtidos confirmam o baixo preenchimento argumental da nominalização; entretanto, mostram que o que determina a expressão argumental não é nenhum fator necessariamente formal, mas o estatuto informacional dos referentes envolvidos. Com efeito, caso sirva para introduzir um novo referente no discurso, o argumento respectivo deverá vir expresso; caso a função do nome derivado seja retomar uma informação, os argumentos da predicação input poderão ser expressos ou não, dependendo das condições textuais. Trata-se afinal de formas alternativas de expressão formal motivada por necessidades comunicativas de natureza pragmática.

OS ADVÉRBIOS AGORA E AÍ NO PORTUGUÊS: CASOS DE DISCURSIVIZAÇÃO?

Edson Rosa Francisco de Souza (UNICAMP)

O presente trabalho tem por objetivo analisar, sob a perspectiva teórica adotada por autores como Traugott & König (1991), Schiffrin (1987), Heine et alii (1991), Sweetser (1988; 1991), Castilho (1997; 2002) e Hengeveld (2004), os diferentes valores desempenhados pelos advérbios de tempo e lugar (agora, aí) no português brasileiro. Em outras palavras, interessa-nos, no âmbito da presente pesquisa, analisar, a partir dos postulados teóricos da Gramaticalização (GR) e da Discursivização (DC), os diferentes papéis exercidos pelos advérbios agora e aí nas macrofunções textual e interacional da língua (a luz das discussões proferidas por Hengeveld (2003; 2004) e Schiffrin (1984)), tendo em vista seus aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Segundo Heine et alii (1991), o estudo da GR é um meio não apenas de se reconstruir a história de uma língua, mas também de oferecer um parâmetro explanatório para a compreensão da gramática sincrônica, em que a mudança lingüística é vista como um ajustamento entre estágios sincrônicos isolados (cf. Hopper & Traugott, 1993). Embora a pesquisa esteja mais ancorada no plano sincrônico da língua, a noção de gradação é crucial para se observarem os diferentes estágios de GR de uma determinada forma (cf. Dall’Aglío-Hattner et alii, 2001). Nos estudos lingüísticos, por exemplo, a DC é usualmente associada ao processo de GR em razão das características que apresentam em comum, já que, em algumas situações, a DC de um item lingüístico ocorre depois de sua gramaticalização; entretanto, esse fenômeno lingüístico ainda não é tão estudado quanto a GR. Para Martelotta et alii (1996), a DC é tomada como um processo de mudança lingüística unidirecional, que leva o elemento a assumir gradativamente funções mais abstratas, passando a atuar especificamente na organização do discurso (FAPESP, Proc. 04/10894-0).

PAUSA E ADVERBIAIS DE PREDICADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO

Talita Storti Garcia (UNESP)

Em estudos anteriores, observamos que alguns adverbiais de predicado, em determinados contextos, assemelham-se a argumentos, como se pode observar na sentença abaixo:

(1) todas essas estradas aqui foram pintadas à máquina... (SSA-D2-98:318)

Tendo como hipótese que constituintes argumentais, diferentemente de constituintes opcionais, não admitem pausa entre si e seu predicado, este estudo investiga o comportamento das pausas entre si e os advérbios que o modificam, objetivando verificar se a pausa é um dos fatores determinantes do estatuto desses constituintes em sentenças do português brasileiro falado. Para isso toma-se como base teórica a Gramática Funcional (Dik 1990, 1989, 1997), que considera os advérbios de predicado, ou satélites de nível 1, meios lexicais que especificam propriedades adicionais ao conjunto de EsCo designado por uma predicação nuclear. Tais constituintes classificam-se em três quadros: (i) Participantes adicionais (Beneficiário, Companhia, Instrumento e Causa interna); (ii) Meios e Maneiras (Modo, Velocidade e Qualidade) e (iii) Orientação Espacial (Origem, Direção e Percurso). O universo de investigação é o corpus mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado, constituído de 15 inquéritos extraídos dos materiais do NURC.

PREDICADOS DE ATITUDE PROPOSICIONAL COMO MARCADORES DE EVIDENCIALIDADE

Valéria Vendrame (UNESP)

O objetivo deste trabalho é analisar as construções complexas com predicados encaixadores de atitude proposicional que codifiquem evidencialidade. A evidencialidade é entendida, aqui, como uma categoria semântica por meio da qual o falante fornece informações a respeito da fonte do conhecimento contido em um enunciado e do modo de obtenção desse conhecimento por parte do falante. Os pressupostos teóricos que fundamentam este trabalho são os da Gramática Funcional de linha holandesa, abordagem teórica que concebe a sintaxe e a semântica como instâncias interligadas que devem ser estudadas dentro do quadro da pragmática. O corpus utilizado é composto por artigos científicos primários, publicados pelas revistas *Matemática e Estatística*, *Naturalia* e *Alfa - Revista de Linguística*. Os resultados obtidos mostram que os predicados de atitude proposicional, apesar de serem marcadores por excelência de evidencialidade inferida, também são utilizados para indicar evidencialidade relatada. Após a análise desses resultados, constatamos que, para a determinação do tipo de evidencialidade de uma construção complexa com predicado encaixador de atitude proposicional, são elementos importantes: o tipo de predicado de atitude proposicional, a natureza argumental da construção encaixada e sua realização finita ou não-finita.

RELAÇÕES ENTRE A POSIÇÃO E A ORIENTAÇÃO DOS SATÉLITES DE NÍVEL TRÊS ATITUDINAIS NO PORTUGUES BRASILEIRO FALADO.

Solange de Carvalho Fortilli (UNESP)

O presente trabalho se propõe a analisar os constituintes advérbios que se colocam na camada proposicional da sentença, isto é, naquela em que um conteúdo de fala pode ser avaliado pelo falante (Dik, 1997). Dentro desse grupo de satélites, destacam-se os atitudinais, que se ligam à validade da proposição e podem estar orientados para o participante, para a sentença ou para o conteúdo da proposição, estando essa orientação relacionada à posição. O corpus mínimo do NURC forneceu os dados de português falado, os quais foram analisados e tabulados quantitativamente. Supunha-se que os satélites em posição 1 estariam, em sua maioria, orientados para o evento cuja referência é feita dentro do conteúdo proposicional ou para o próprio conteúdo da proposição; ao contrário dos satélites que se internam pela sentença, os quais estariam direcionados para o participante/ constituinte cuja referência é feita dentro do conteúdo proposicional processado no ato-de-fala. Essas hipóteses se confirmam, pois 81% dos satélites em posição 1 estão orientados para o evento, e 17,5%, direcionam-se ao conteúdo proposicional,

de alguma forma, escopando toda a oração. Os satélites em posição 3 e 4 apresentam um comportamento semelhante ao que foi previsto, já que na grande maioria dos casos (63, 1% da primeira e 53% da segunda) referem-se a um dos participantes, seja o verbo ou um dos argumentos. Já os satélites ocupantes das demais posições apresentaram comportamentos diversos do ponto de vista da orientação. Dessa forma, acredita-se que esses dados são reveladores da articulação existente entre a posição do satélite e a parte da expressão por ele escopada.